



A Promoção da Saúde pelo/no Radiojornalismo: Uma proposta contemporânea

João Victor Simião¹ Mariana Kateivas² Me. Vinícius Durval Dorne³

RESUMO: O presente artigo busca discutir a relação entre mídia e saúde, principalmente no que concerne ao meio rádio. Desta forma, ressalta a importância do rádio como um dos meios de comunicação mais eficazes por apresentar características como o intimismo, baixo custo, imediatismo e mobilidade. Trata-se de discutir também como a mídia, ao longo da história, tem se voltado para as questões ligadas à saúde, problematizando a relevância da informação jornalística para a garantia do direito do homem, à saúde. O presente estudo reflete sobre os cuidados que o jornalista deve ter e os erros que se deve evitar ao abordar assuntos relacionados à saúde. Destarte, neste momento, discute-se as produções radiofônicas relacionadas ao tema “saúde” – fruto do desenvolvimento desta pesquisa de iniciação científica – elaboradas e divulgadas por meio da Rádio Universitária Unicesumar (RUC FM – 94,3). Assim, busca-se demonstrar a importância da promoção da saúde, principalmente o papel fundamental do rádio enquanto instrumento para efetivação desse processo.

Palavras-chave: mídia; promoção da saúde; radiojornalismo;

ABSTRACT: The present article aims to discuss the relation between media and health, mostly concerning the radio medium. Thus, it highlights the importance of radio as a more effective means of communication for it displays characteristics such as intimacy, low cost, immediacy and mobility. This article also discusses about how the media, throughout history, has focused in questions related to health, questioning the relevance of journalistic information to guarantee the right of men to health. This study reflects on the care that the journalist should have and the mistakes that if should avoid when addressing issues related to health. So, in this moment, it is discussed the radio productions related to the theme "health" - result of the development of this research of scientific initiation - produced and disseminated through “Rádio Universitária Unicesumar” (RUC FM-94,3). Therefore, this paper aims to demonstrate the importance of health promotion, particularly the pivot al role of radio as a tool for effecting this process.

Keywords: media, health promotion, radio journalism.

1 Introdução

Atualmente, o tema saúde vem sendo abordado expressivamente pelas mídias em todos os lugares do mundo, uma vez que saúde é um direito do ser humano e está ligada bem mais ao modo de vida dos indivíduos do que às tecnologias e inovações da medicina. Os mais variados meios de comunicação têm tratado do tema em suas

¹ *Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Centro Universitário Cesumar – Unicesumar, Programa de Bolsas de Indução – PROIND, contatojoaovictor@uol.com.br*

² *Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Centro Universitário Cesumar – Unicesumar, Programa de Bolsas de Indução – PROIND, mari_kateivas@hotmail.com*

³ *orientador, Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Centro Universitário Cesumar – Unicesumar, Programa de Bolsas de Indução – PROIND, dorne.vinicius@gmail.com*

inúmeras dimensões. Entende-se essa preocupação na divulgação de materiais visando à promoção da saúde, pois, como expõe Capra (1982), as intervenções biomédicas, embora extremamente úteis em emergências individuais, não são a única garantia da saúde da população como um todo; assim, os meios de comunicação só tendem a ganhar importância na disseminação da saúde em meio à sociedade.

Segundo o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (2007), a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) fortalece a busca pela promoção da saúde de forma significativa, o que resulta na diminuição do gasto em tratamentos na saúde pública. De acordo com Kéttini Upp Calvi (2007), tais mudanças na sociedade na busca pelos direitos humanos (aqui tratados na área da saúde) só ganharam força no Brasil em 1980, junto com os movimentos sociais vigentes e com a mudança na área social por meio do Estado. Com a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil, em 1988, a saúde tornou-se um:

[...] direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (BRASIL, 1988, s/p.).

Observa-se então que, por meio da lei, além de um novo modelo de política de saúde pública, passou a ser implementada a informação sobre saúde, também de suma importância. Como apresenta a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, "as ações e serviços de saúde integram um rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único" que é até atualmente a proposta do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 1988, s/p).

Destaca-se, ainda, que no que concerne ao jornalismo no Brasil, é garantido o direito da total ao da informação, conforme preconizado em legislação própria:

[...] Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular ou de interesse coletivo ou geral, contidas em documentos de arquivos, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujos sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado, bem como à inviolabilidade da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem das pessoas (BRASIL, 1991, s/p.).

Com o conhecimento sobre tais leis vigentes, é possível ressaltá-las em favor da população para promover a saúde por meio da mídia. O jornalismo quando aplicado de maneira ética e correta, serve como instrumento para publicização dos direitos do ser humano. Entretanto, nem todas as informações disponibilizadas pelo âmbito jornalístico à população sobre saúde são oferecidas com qualidade e de forma certa.

Para conhecer e compreender a importância da mídia, visando uma melhor divulgação dos cuidados e dos conhecimentos que cada cidadão deve ter com a saúde, é primário se atentar ao valor dessa forma de comunicação. Assim, assevera-se que a mídia tem papel preponderante ao informar e orientar sobre assuntos de interesse coletivo "em relação a procedimentos sanitários básicos, seja na formação da opinião pública quanto à promoção da saúde como um direito subjetivo de cada cidadão" (RIANI, 2006, p. 05).

O jornalismo sempre esteve ligado estreitamente com a ética e aos direitos humanos, assim, quando uma discussão da área entra no âmbito da saúde, um dos termos ressaltados e de grande valia é a bioética, principalmente quando se atenta ao fato de que ela envolve inúmeras decisões dentro desse campo tão complexo que é a saúde humana. Visto o cuidado que se deve ter quanto aos valores que a bioética discute

– tal como o princípio da “autonomia”, que se refere ao poder de escolha –, o jornalista deve estar atento no que tange às informações a serem divulgadas às inúmeras pessoas, especificamente quando este profissional passa a noticiar sobre áreas delicadas da saúde e opinar sobre elas. Nesse momento, entra o papel do jornalista apresentando informações primordiais relacionados aos assuntos tratados, muitas vezes, polêmicos para que as decisões dos pacientes ou familiares sejam realmente realizadas de maneira correta:

E a nova responsabilidade do jornalismo dedicado à saúde em bem informar. Implica a obrigação do médico de não mentir ou omitir informação, assim como na co-responsabilidade do paciente no processo decisório. Mas o cidadão tem de decidir no plano subjetivo ou psicológico. Trata-se, portanto, de uma razão comunicativa, na qual o fundamento é a razão científica, mas a instância de decisão é subjetiva e o processo, argumentativo (KUCINSKI, 2006, p. 23).

O Jornalismo e a Promoção da Saúde

Como potencialidade em favor à população, o jornalismo tem papel de denúncia e deve exercer constantemente essa prática. Mesmo depois do “Código de Nuremberg”, criado em 1947, e que evita o uso de seres humanos para experiências, Kucinski (2006) expõe que ainda existem experiências desrespeitosas ao ser humano, e que o jornalista tem de se atentar, tanto para não deixar que isso aconteça quanto para não esconder tais crueldades realizadas no país, considerando que, às vezes, tais pesquisas são financiadas por grandes empresas.

Dentro dos assuntos mais polêmicos discutidos pela bioética, como a Lei dos Transplantes, o aborto, a reprodução assistida, a seleção genética do embrião, a manipulação genética e o direito de morrer, é necessário rigor científico quanto às informações divulgadas sobre os mesmos, visto a importância, já bem colocada, quando se trata da influência na formação de opinião da sociedade, como assevera Kucinski (2006). Nesse sentido, ressalta-se a necessidade de uma consciência que aponte para o importante papel da mídia quanto ao desenvolvimento dessa “consciência moral” que deve se desdobrar sobre a prática jornalística. Destarte, tais assuntos deveriam ter um espaço maior e com mais destaque em meio às mídias jornalísticas:

[...] Os grandes jornais deveriam ter uma seção permanente de bioética. E deixa um dever para os jornalistas. [...] Ao jornalista cabe, acima de tudo, defender os direitos humanos violados e cobrir criticamente a relação médico-paciente que se estabelece quando o médico usa o paciente para sua pesquisa (KUCINSKI, 2006, p. 39-40).

Inúmeros termos da área da saúde não são entendidos pela a população em geral, o que dificulta a compreensão de diversos diagnósticos. Ressalta-se que a figura do médico não deve ser descartada, mas tratar de assuntos relacionados à saúde na esfera midiática é condição produtiva para uma sociedade mais ciente de si. Caco Xavier (2006) reflete sobre a eficiência da comunicação em saúde para os resultados benéficos à população e alerta quanto à restrição que o assunto ainda tem:

A comunicação em saúde tem, portanto, um lugar de fala muito preciso e alguns importantes instrumentos, pelos quais é capaz de induzir muita reflexão, mas alcançar pouca repercussão e abrangência.[...] Os esforços no âmbito da comunicação em saúde permanecem, com poucas exceções, restritos aos seus próprios ambientes de produção [...] (XAVIER, 2006, p. 44).

Anais Eletrônico

Considerando que a televisão tem um dos mais relevantes espaços entre os meios da comunicação, geralmente, observa-se que ela costuma tratar da saúde como forma de comércio; na expressão de Xavier (2006, p.51), atua como “vendendo saúde”. Quando se faz essa venda da saúde no meio televisivo, além da apresentação da palavra “cura” associada diretamente à saúde, a tecnologia sempre se apresenta também como imprescindível, sendo a única responsável por trazer total eficácia para a área médica. Tais temas apresentados estão dentro de programas televisivos que abordam repetitivamente o assunto da tecnologia como base fundamental para a saúde ter total eficiência.

Com tais pontos negativos encontrados no meio televisivo como representação da divulgação da saúde, apontados por Xavier (2006), é possível interpretar a não promoção em saúde, mas uma distorção dela. Diferentemente, o que deve ser realizado em todos os meios, não apenas nas no televisivo, é principalmente um estudo aprofundado sobre os assuntos e informações que serão divulgados, para oferecê-los de forma completa à população, estudos que vão além da comunicação:

São necessários estudos [...] pluri e transdisciplinares, que alarguem a diversidade das pesquisas, [...] integrando não só a comunicação, mas também os campos da Filosofia, História, Antropologia, Psicologia, Sociologia, Saúde. É preciso dialogar e ouvir atores diversos, envolvendo [...] a literatura, os saberes populares, os discursos religiosos e as próprias mídias. É preciso [...] romper frameworks enrijecidos e inúteis. É preciso [...] “seguir as controvérsias” mais do que os discursos categóricos, [...] para compreender o homem. Por fim, é preciso entender as mídias [...] como agenciamentos coletivos[...] (XAVIER, 2006, p. 52).

Fugindo apenas do âmbito televisivo, um dos problemas que a mídia comete em geral na hora da divulgação da saúde é quanto à avaliação de impactos. De acordo com Xavier (2006), é comum, na promoção da saúde, a mídia apresentar falhas nas pesquisas, sem muito aprofundamento informativo sobre o assunto. O autor ainda ressalta que a mídia dificilmente se utiliza dos conhecimentos de métodos estatísticos de análise que poderiam ser utilizados para enriquecer o material jornalístico.

Xavier (2006) também aponta que para que essa metodologia mude e se torne mais eficaz, é necessário um maior investimento na educação comunicativa por parte de todos os profissionais do jornalismo:

[...] creio ser mais do que necessário repensar a comunicação que temos e fazemos, e repensá-la em contato estreito com a educação.” [...] a proposta de um novo modo de relacionamento entre dois campos, no qual cada um aporta ao outro seus saberes próprios e deixa-se generosamente apropriar pelo outro. É uma proposta de um relacionamento a ser construído pacientemente, que potencializa as práticas [...] em direção à plenitude de suas missões e sentidos sociais (XAVIER, 2006, p. 53).

Apesar dos inúmeros veículos de comunicação que atualmente divulgam informações sobre a saúde, na maioria das vezes, o conteúdo oferecido é muita quantidade e pouca qualidade, como ressalta Xavier (2006). O autor expõe que essa falta de compromisso que ainda existe com a informação em meio à saúde deveria ser afastada totalmente, pois informações distorcidas ou incompletas se tornam perigosas nesse campo. Tais descuidos foram apontados por meio de uma análise comparativa de matéria veiculada por 50 jornais brasileiros, realizada por Guilherme Canela de Souza Godoi, no artigo “A cobertura sobre saúde relativa à infância e à adolescência” (2006). Nela, o autor apresenta primeiramente a dificuldade do jornalismo na limitação nas

fronteiras do estudo sobre saúde, que resulta nos problemas do trabalho jornalístico da área, mas principalmente alerta que tal problema não deve ser o motivo da má qualidade oferecida em inúmeras informações sobre saúde e que para isso acabar é necessário “aprofundar a consistência qualitativa dessa cobertura” (GODOI, 2006, p. 68).

Rádio, podcast e saúde: fazer jornalismo e promover o bem-estar

Quando se discute o papel dos meios de comunicação na divulgação de informações científicas relacionadas ao campo da promoção da saúde, é profícuo resvalar também nas contribuições que os avanços tecnológicos vividos cotidianamente pela mídia têm impacto decisivo no conteúdo produzido e, mais particularmente, nas formas de disponibilização e armazenamento desse conteúdo tanto por parte da empresa midiática quanto do consumidor de informação.

Com o desenrolar da história, inúmeras descobertas são divulgadas a cada instante, assim, novas tecnologias ganham destaque dia a dia. As informações e novidades do mundo tecnológico não param na busca por algo que atrai o consumidor e lhe ofereça mais conforto. Um grande marco na história da tecnologia pode-se dar ao uso da internet. Com o surgimento da World Wide Web (WWW), em 1990, tudo passou a ficar ainda mais eficaz e mais fácil de chegar aos usuários comuns, que atualmente dependem grandemente desta ferramenta de ligação entre o mundo por meio da web.

De acordo com os dados do painel Ibope/NetRatings⁴, do quarto trimestre de 2008, 38,2 milhões de pessoas com 2 anos ou mais que moram em domicílios têm acesso à internet via computador doméstico. Logo, é possível perceber a expansão dessa ferramenta que, além de conhecimento, também oferece facilidades aos seus usuários. De acordo com Ferrari (2010), as redes sociais também representaram um dos grandes avanços da área no início do século XXI.

Visto a importância que a internet ganhou como tecnologia, o rádio não poderia ignorá-la como uma possibilidade de expansão. Sendo assim, o rádio pode crescer e aumentar por meio da internet uma das suas características principais que é a portabilidade, além da eficácia e da rapidez:

O rádio caiu na rede mundial de computadores, definitivamente, e de lá não sai mais. Não vai sumir, como muitos imaginavam. Vai evoluir. Nesse momento, é o veículo que mais se beneficiou da internet. Aumentou o alcance e proporciona facilidades, à medida que o som “baixa” com maior rapidez se comparado à imagem, além de não exigir a atenção do internauta que, enquanto ouve o programa, pode continuar navegando (JUNG, 2004, p. 66).

Segundo o jornalista Milton Jung (2004, p. 67), não é a existência do rádio que muda com as novas tecnologias, mas os gêneros e formatos que oferece ao público. Além do rádio, outros meios de comunicação também tiveram/estão se adaptando à internet, entendendo que os profissionais desses meios também tiveram/têm de se atualizar constantemente pelo mesmo motivo. Com a novidade, o meio jornalístico também adentrou a tecnologia virtual. Neste aspecto, o radiojornalismo também se alia à internet. Como afirma a jornalista Pollyana Ferrari (2010, p. 80), “a sociedade está mudando [...] e precisamos ter humildade para testar, experimentar e, principalmente, dialogar com o leitor”. Desta forma, visto que o diálogo no rádio ocorre por meio da voz e

⁴ Disponível em: <<http://www.cetic.br/usuarios/ibope/tab02-06.htm>>. Acesso em 16 de dez de 2012.

da audição, o radiojornalismo viu a necessidade de se fazer presente na internet por meio do *podcast*.

O *podcast* se tornou conhecido no Brasil, entre os usuários da internet, em 2005 e “trata-se de um programa de rádio que pode ser ouvido diretamente no computador ou baixado para tocadores de MP3 player”, como explica o jornalista Renato Vaisbih (2006, p.20). Com a ferramenta, o radiojornalismo se estendeu e passou a oferecer aos ouvintes algo que vai além do que é encontrado no rádio – ultrapassando o imediatismo do ao vivo –, como conteúdos que podem ser escutados a qualquer hora e em qualquer lugar.

A partir do momento que o meio jornalístico entendeu a poderosa ferramenta que tinha em mãos, o *podcast* permitiu a divulgação de diferentes assuntos, por uma infinidade de gêneros e formatos, com apenas um click (VAISBIH, 2006). Observa-se, então, que a segmentação é uma das características-chaves dos *podcasts* jornalísticos e assim se pode abordar de forma rica o assunto sobre saúde. Logo, é possível e eficaz a promoção da saúde por meio do radiojornalismo, inclusive via *podcast*.

As possibilidades de “baixar” e divulgar, além do rádio, um arquivo que trata sobre promoção em saúde são riquíssimas e ajudam a fortalecer os laços na importância da democratização da informação sobre saúde como direito do ser humano.

É a democratização encontrada na internet e no *podcast* que facilita a divulgação das notícias de forma ampla e que garante o direito da informação a todos. Além de conhecimento que proporcionam entendimentos sobre diversos assuntos, essa facilidade garante oportunidades interessantes para todos os usuários da internet:

A facilidade proposta pela Internet aponta para uma democratização de acesso às comunicações como nunca se registrou na história desde os cuneiformes mesopotâmicos, os hieróglifos egípcios ou os papéis de arroz chineses. [...] Para abrir uma rádio na Internet não é preciso pedir licença a ninguém: está aberta a todos. As novas rádios via Internet não serão mais apenas transmissoras de programas em áudio. Os internautas querem mais. Querem consultar arquivos, obter dados, ouvir programas já apresentados [...] (BARBEIRO e LIMA, 2001, p. 37).

Tendo em pauta o grande benefício do *podcast* para a promoção da saúde, juntamente com o trabalho do radiojornalismo, é preciso destacar alguns pontos quando se entende a responsabilidade presente neste assunto. De acordo com Kucinski (2000), são grandes as implicações presentes na proposição das políticas públicas de saúde decorrentes dos novos conceitos de “saúde-doença”, conseqüentemente na divulgação jornalística, e, por isso, é preciso muito cuidado no momento da abordagem e divulgação sobre o assunto, principalmente, quando se trata de um ambiente tão extenso que é a Internet.

Assim, o cuidado de cada jornalista deve ser redobrado e deve haver além de uma pesquisa com o enfoque no assunto, mas também como deve ser a forma e a mensagem oferecida.

Aprendendo a promover saúde

Com a pesquisa realizada tendo o intuito de desenvolver a problemática em torno da promoção da saúde por meio do rádio, uma produção radiojornalística também foi desenvolvida juntamente ao corpo do artigo apresentado.

As produções buscaram promover a saúde por meio de notas, entrevistas e reportagens, tratando de assuntos como: as dietas sem acompanhamento especializado

que inúmeras pessoas realizam sem pensar nos prejuízos que elas podem causar; os efeitos dos adesivos terapêuticos; a informação sobre os remédios disponíveis para hemofílicos; como evitar alguns acidentes com idosos realizando mudanças dentro de casa; alertar o país sobre o alto índice de mortalidade materna e como evitá-la; o perigo da automedicação entre outros. A escolha dos assuntos abordados ocorria por meio da relevância que o tema oferecia à população ou, então, quando um evento ou data comemorativa se apresentavam, tornando relevantes os assuntos relacionados aos mesmos.

Para que cada produção fosse realizada de maneira ética, como deve ser produzido qualquer produto do radiojornalismo, foram necessários tempo e cuidado com tudo o que fosse, primeiramente, roteirizado para, então, ser gravado e divulgação pelo rádio. As pesquisas em torno dos assuntos abordados foram realizadas de forma cuidadosa para que a promoção da saúde fosse divulgada da melhor maneira possível, pois só assim o resultado seria realmente eficaz. Considerando que alguns termos encontrados na área da saúde não são largamente conhecidos pela população, houve uma atenção redobrada nesse sentido, a fim de que o ouvinte pudesse entender tudo o que estivesse escutando.

Outra problemática sobre a qual se desdobram os pesquisadores, foi o não conhecimento e vivência anteriores do campo científico relacionado à Promoção da Saúde. Desta forma, foi preciso aprender sobre tal assunto antes de produzir e veicular qualquer trabalho para o público. Durante a produção do material, um dos entraves para a divulgação em promoção da saúde foi o de encontrar disponibilidade dos profissionais da saúde para conceder entrevistas. Entre os motivos alegados por esses profissionais estão as agendas lotadas e horários totalmente preenchidos, além da não familiaridade em fornecer informações para a mídia.

O cuidado que cada pesquisador teve na busca das informações para a divulgação também foi fundamental, pois não são todos os sites encontrados na web que oferecem informações sobre saúde de forma correta e com total qualidade. Por isso, observou-se ser essencial o cuidado apurado na escolha dos sites e também das próprias fontes de informação sobre os assuntos abordados.

Com a pesquisa acadêmica relacionada à Promoção da Saúde, ao radiojornalismo (e a mídia como um todo) e ao elo que pode ser estabelecido entre esses dois campos, além das produções radiojornalísticas fruto da referida pesquisa científica – divulgadas e veiculadas –, os pesquisadores buscaram e puderam refletir sobre o cuidado na divulgação de informações na área da saúde; da necessidade do conhecimento amplo e da pesquisa exaustiva que se deve ter antes de produzir materiais para a divulgação de assuntos relacionados à saúde; dos inúmeros assuntos polêmicos em torno da saúde que precisam ser compreendidos antes de qualquer formulação de informação à população; e a noção do grande alcance que o rádio oferece para que a promoção da saúde seja realizada de maneira ampla e eficaz.

Referências

ARRUDA, Felipe. **20 anos de internet no Brasil: aonde chegamos?**. 2011. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/internet/8949-20-anos-de-internet-no-brasil-aonde-chegamos-.htm#ixzz2ZEXudFdD>>. Acesso em 16 de dez. de 2012.

BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em 16 de dez. 2012.

BRASIL. Lei n.º 8.159, art 4º, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. **Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos**, DF, 8 jan. 199. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159.htm>. Acesso em 18 de dez. 2012.

CALVI, KÉTTINI UPP. **Serviço social e conselhos de políticas e de direitos: contradição entre o projeto ético-político e a condição de assalariamento**. 2007. 330f. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007. Disponível em: <<http://web3.ufes.br/ppgps/sites/web3.ufes.br/ppgps/files/Kettini%20Upp%20Calvi.pdf>>. Acesso em 15 de jan. de 2013.

CAPRA, FRITJOF. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982. Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br). Acesso mundo. Disponível em: <<http://www.cetic.br/usuarios/ibope/tab02-06.htm>>. Acesso em: 16 de jan. de 2013.

Conselho Nacional de Secretários de Saúde. **Atenção Primária e Promoção da Saúde / Conselho Nacional de Secretários de Saúde**. Brasília: CONASS, 2007. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/colec_progestores_livro8.pdf>. Acesso em 16 de jan. de 2013.

FERRARI, POLLYANA. **Jornalismo digital**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

JUNG, MILTON. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

KUCINSKI, BERNARDO. Jornalismo, saúde e cidadania. **Revista Interface – Comunicação, saúde, educação**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 181-186, fev. 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v4n6/25.pdf>>. Acesso em 18 de fev. de 2013.

_____. O jornalismo e os dilemas da bioética. 2006. IN: SANTOS, ADRIANA (Org.). **Caderno mídia e saúde pública**. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/FUNED, 2006. p.15-41.

RIANI, RUBENSMIDT RAMOS. Apresentação. 2006. IN: SANTOS, ADRIANA (Org.). **Caderno mídia e saúde pública**. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/FUNED, 2006. P. 05.

SANTOS, ADRIANA (Org.). **Caderno mídia e saúde pública**. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/FUNED, 2006.

VAISBIH, RENATO. **Ganhos e perdas de uma renovada linguagem radiofônica jornalística, via podcast**. São Paulo: Cenários da Comunicação, 2006.

XAVIER, CACO. Mídia e saúde, saúde na mídia. 2006. IN: SANTOS, ADRIANA (Org.). **Caderno mídia e saúde pública**. Belo Horizonte: Escola de Saúde Publica/FUNED, 2006. p. 43-55.

Anais Eletrônico

VIII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar
UNICESUMAR – Centro Universitário Cesumar
Editora CESUMAR
Maringá – Paraná – Brasil